



PROEXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Universidade Federal da Bahia
Pró-Reitoria de Extensão

Relatório Final/Editais PROEXT

Título do Projeto	Valorização dos saberes populares de cuidado em saúde na Ilha de Maré – Salvador, Bahia
Número do Registro no SIATEX	13398
Nome do Proponente	Bianca Rückert
Edital	EDITAL PAEXDoc 2019

Resumo

O referido projeto teve como objetivo promover valorização e socialização de saberes de cuidado em saúde na Ilha da Maré, Salvador, Bahia, por meio de um projeto de extensão universitária que envolveu oficinas práticas com plantas medicinais. As atividades realizaram-se na comunidade de Maracanã, litoral norte da Ilha e tiveram como participantes mulheres marisqueiras e pescadoras artesanais.

Esta proposta se baseou nos princípios da extensão popular e da etnobotânica e nesse sentido, se orientou por uma metodologia dialógica, que buscou articular os diversos saberes e a respeitar o contexto e a diversidade cultural.

Entre os principais resultados alcançados por meio do projeto, destacamos: a contribuição na socialização de conhecimentos sobre plantas medicinais; o conhecimento sobre a realidade de vida e saúde da população; a contribuição para a formação crítica de estudantes universitários e a socialização dos conhecimentos construídos a partir dessa experiência de extensão universitária.

Como perspectivas futuras, pretende-se ampliar as ações para outras comunidades de Ilha de Maré e estruturar projetos de ensino e pesquisa relacionados à temática das plantas medicinais. Destaca-se a importância de ações desse tipo para se promover maior autonomia de comunidades vulneráveis no seu cuidado à saúde.

1. Introdução

Localizada na Baía de Todos os Santos, em Salvador, estado da Bahia, Ilha de Maré possui uma população de aproximadamente de 6.434 habitantes (IBGE, 2010 *apud* FIOCRUZ, 2018) e é constituída por pequenas comunidades litorâneas que vivem principalmente da pesca e da mariscagem. São elas: Itamoabo, Botelho, Santana, Neves, Praia Grande, Bananeiras, Maracanã, Porto dos Cavalos, Caquende e Martelo. Por sua proximidade com o Porto de Aratu (menos de dois km de distância), responsável pela movimentação de uma considerável carga marítima de produtos da indústria química, alimentícia, de fertilizantes, entre outras, a população de Ilha de Maré sofre com as contaminações por resíduos industriais, impactos gerados por acidentes de embarcações de produtos das indústrias químicas e petrolíferas, além da falta de infraestrutura, como saneamento, entre outros (FIOCRUZ, 2018).

Este projeto surgiu em desdobramento ao trabalho realizado por pesquisadores ligados Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), que em função das singularidades socioambientais desse território, iniciaram em 2018 um diagnóstico participativo de saúde da Ilha de Maré, com o objetivo de estudar as características socioeconômicas, as condições de saúde e a percepção sobre a saúde, ambiente e trabalho, entre outros aspectos. Nesse diagnóstico constatou-se que os saberes empíricos de cuidado são transmitidos de geração em geração e sobrevividos ao longo da história das comunidades de Ilha de Maré. No entanto, sua preservação se encontra ameaçada em função de influências

socioeconômicas, culturais e religiosas. Especialmente nas comunidades tradicionais, a valorização desses saberes e práticas é um aspecto sociocultural importante a ser considerado (FIOCRUZ, 2018).

Assim, por recomendação desses pesquisadores construímos, a partir do diálogo com lideranças locais, o projeto de extensão “Valorização dos saberes populares de cuidado em saúde na Ilha de Maré – Salvador, Bahia”, sediado no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A comunidade de Maracanã, local escolhido para sediar as atividades do projeto, localiza-se na borda litorânea norte da Ilha e é constituída por 85 famílias, que habitam um número menor de casas. Assim como nas demais comunidades da Ilha, a população vive principalmente da pesca e da mariscagem. Para acessar serviços essenciais como saúde e educação é preciso se deslocar para outros pontos da Ilha. Até o quinto ano do ensino fundamental as crianças podem estudar em escolas nas comunidades vizinhas, como Porto dos Cavalos/Martelo, Santana e Bananeiras. A partir de então, é necessário se deslocar para a comunidade de Praia Grande, onde é possível cursar apenas até o nono ano do ensino fundamental. O ensino médio só é oferecido no período noturno e fora da Ilha (o mais próximo fica no município vizinho, Candeias). A unidade básica de saúde localiza-se em Praia Grande, um percurso que demanda cerca de 50 minutos de caminhada ou uma viagem de canoa que custa em torno de 40 reais. Por esse motivo, também é comum presenciar os moradores buscando acesso aos serviços de saúde no município vizinho. Em relação aos espaços de lazer, o campo de futebol foi apontado como o principal espaço de lazer da juventude.

Considerando-se estas e outras especificidades, ações de educação e saúde com populações de pescadores, marisqueiras, ou ribeirinhos, que possuem seu modo de vida e trabalho relacionados às águas, devem considerar a pluralidade e as dinâmicas inerentes a esses territórios. Tal pluralidade se faz presente não só nos seus modos de produzir, mas também nas práticas populares de saúde, seja para se confrontar com o adoecimento, seja para se promover a saúde, através das “plantas medicinais [...], sementes crioulas, rezas, benzimentos, erveiros, raizeiros, [...] parteiras” (SILVA, s/d, p. 213), para citar as mais comuns. Estas práticas são produzidas por meio da compreensão de mundo das camadas populares, através das heranças culturais, vivências e condições de vida. Por isso, podem trazer contribuições relevantes à promoção da autonomia de comunidades e populações vulneráveis, como sujeitos do seu cuidado em saúde (BRASIL, 2012, p. 11).

Partindo desses pressupostos é que se iniciou, no segundo semestre de 2019, este projeto de extensão com o objetivo de promover a valorização e a socialização de saberes de cuidado em saúde na Ilha da Maré, Salvador, Bahia. Os objetivos específicos do projeto são:

- contribuir para a formação crítica e reflexiva de estudantes universitários por meio da vivência com a realidade de vida e saúde de populações vulneráveis;

- aperfeiçoar práticas de cuidado em saúde desenvolvidas por pescadoras e pescadores artesanais a partir do diálogo entre saberes científicos e populares;
- socializar e sistematizar saberes de cuidado em saúde comunitários;
- sistematizar, construir e socializar conhecimentos a partir da experiência de extensão universitária, de forma a promover a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Esta proposta se baseia nos princípios da extensão popular (CRUZ, RODRIGUES, PEREIRA et al, 2018) e da etnobotânica (CABALZAR, 2017) e, nesse sentido, se orienta por uma metodologia dialógica, que busca articular os diversos saberes e atores sociais, a respeitar o contexto e a diversidade cultural, a valorizar o protagonismo da comunidade, bem como diversificar os instrumentos de diálogo e socialização do conhecimento. Nas próximas seções apresentamos a metodologia e as atividades desenvolvidas ao longo do segundo semestre de 2019, os principais resultados do projeto, bem como as principais reflexões e as perspectivas de continuidade da experiência.

2. Materiais e Métodos

Para realização das atividades foi organizado um grupo de trabalho composto por estudantes da UFBA e profissionais voluntários de nível superior. Os estudantes ingressaram no projeto em agosto e em novembro de 2019, somando ao todo 17 (dezessete) estudantes de graduação dos seguintes cursos: Bacharelado Interdisciplinar em Artes, Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, Dança, Farmácia, Letras, Nutrição e Saúde Coletiva. Atualmente, dez estudantes participam regularmente das atividades do grupo de extensão. As profissionais de nível superior (duas) possuem formação em Farmácia, com experiência em plantas medicinais. Além disso, foi possível contar com a contribuição de uma estudante de Mestrado em Saúde Coletiva. Ao longo do segundo semestre de 2019, o grupo de extensão se reuniu com periodicidade semanal para estudo e discussão de temas relacionados ao projeto, planejamento e avaliação das ações, experimentos envolvendo plantas medicinais e preparo dos materiais das oficinas.

Nesse período foram realizadas cinco visitas à Ilha de Maré. Cada visita contou com a presença da docente responsável e com o revezamento dos estudantes integrantes do grupo. Foram realizadas reuniões com as lideranças, oficinas e visitas para levantamento dos conhecimentos locais de plantas medicinais.

A primeira atividade do projeto consistiu em uma reunião na comunidade de Maracanã para planejamento das ações, que contou com a participação de lideranças e moradoras das comunidades de Maracanã e Bananeiras. Nesta atividade foi escolhida a comunidade de Maracanã para realização das ações do projeto, foram colhidas as expectativas em relação ao projeto e deu-se início ao mapeamento das conhecedoras populares e mobilizadoras locais. Nesse momento

ficou evidente a necessidade de aprenderem remédios à base de plantas medicinais a serem utilizados no dia-a-dia da comunidade.

Assim, a segunda atividade do projeto consistiu em uma oficina que teve o objetivo de iniciar o mapeamento dos principais problemas de saúde da comunidade e socializar saberes científicos sobre plantas medicinais. Para o mapeamento dos problemas de saúde inspiramo-nos na técnica “Onde moram os sentimentos”, assim como proposto por Rodica Wetzeiman (2008). Nessa técnica, as participantes desenharam seu corpo identificando seu processo saúde-doença, bem como recursos locais disponíveis para o autocuidado. Em seguida, foram realizadas oficinas práticas de remédios a base de plantas: chá, xarope, alcoolatura e tintura, conforme preconizado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Nessa mesma perspectiva, a terceira atividade do projeto teve como objetivo realizar o mapeamento da comunidade de Maracanã, além de socializar conhecimentos sobre plantas medicinais. O mapeamento do território foi conduzido a partir da metodologia do mapa falado, uma ferramenta de diagnóstico participativo que possibilita a visão espacial e a coleta de informações exploratórias sobre o território, assim como proposto por Faria e Ferreira Neto (2006). Por meio deste realizou-se, de forma coletiva, o desenho do território, identificando-se: as casas das conhecedoras, os quintais produtivos, os recursos naturais, os espaços de produção, os serviços públicos, os locais de lazer e de sociabilidade da comunidade. Nesse dia realizou-se oficina prática de escalda-pés relaxante com ervas medicinais, esfoliante para os pés e repelente à base de tintura de cravo. Nas semanas seguintes, realizaram-se visitas às residências das principais conhecedoras de plantas medicinais da comunidade. Cada visita foi realizada por uma dupla de extensionistas e uma liderança comunitária e priorizou-se a visita às pessoas indicadas na técnica do mapa falado.

Na quarta oficina construiu-se um “mural sobre as plantas” com informações científicas sobre as principais plantas utilizadas pela comunidade. Este mural serviu de base para o diálogo entre extensionistas e conhecedoras e ao término da atividade, ficou sob o cuidado da comunidade. Neste dia também foi realizada oficina prática de gel de massagem para dor e ao término da atividade, realizou-se uma roda para encerramento do projeto, na qual foram levantadas as expectativas de continuidade da experiência para o próximo ano. Como esta oficina foi realizada no mês de dezembro, período de férias escolares, organizou-se um espaço para cuidado e interação das crianças da comunidade, de forma a facilitar a participação das mães na oficina. Foram realizadas atividades coordenadas pelo grupo de extensão, como contação de histórias, pintura facial, modelagem com massinha, entre outras brincadeiras.

Cada oficina foi organizada de forma a contemplar momentos de integração e relaxamento do grupo, socialização de conhecimentos, práticas envolvendo plantas medicinais, rodas para encerramento e agradecimento dos trabalhos, e lanches ou almoços coletivos. As práticas envolvendo plantas medicinais foram desenvolvidas considerando-se as boas práticas de higiene, os cuidados e as contraindicações de cada fórmula e atentando-se para que elas pudessem ficar à vontade para realizar questionamentos, tirar dúvidas e, na medida do possível,

participar da manipulação dos produtos. Para cada atividade produziu-se um folheto com a sistematização das orientações e das “receitas” socializadas e as referências utilizadas.

3. Resultados

Entre os principais resultados alcançados por meio do projeto, destacamos: melhor conhecimento sobre a realidade de vida e saúde da população; a contribuição na socialização de conhecimentos sobre plantas medicinais; a contribuição para a formação crítica de estudantes universitários; e a socialização de conhecimentos a partir da experiência de extensão universitária.

A inserção e vivência na comunidade de Maracanã nos permitiu compreender a realidade de uso de plantas medicinais pela população como uma tradição difundida em todas as famílias da comunidade, mas que vem se modificando em decorrência de vários fatores, com destaque para aspectos culturais e religiosos. Foi possível identificar algumas mulheres que possuem conhecimento mais aprofundado sobre plantas medicinais e são referências comunitárias.

No reconhecimento dos principais problemas de saúde da população destacam-se as dores e os problemas de pele relacionados à atividade produtiva, como: manchas e ressecamento de pele decorrentes da exposição ao sol; alergia às picadas por insetos, principalmente nos horários de mariscagem; micoses de pele; dores musculares nas costas e nas pernas em função da postura da mariscagem e dores articulares em função do movimento repetitivo da catagem dos mariscos. As marisqueiras relataram fazer uso de plantas medicinais para alívio desses problemas, mas inúmeras são as demandas por novos conhecimentos nesta área. Conhecer esta realidade foi fundamental para se reorientar o planejamento das oficinas de forma a atender as necessidades de saúde das mulheres, com destaque para as receitas de gel para dor, tintura antimicótica, repelente e escalda-pés.

A vivência dessa experiência de extensão, ainda que breve, trouxe importantes contribuições para a formação crítica e reflexiva dos estudantes universitários. Tais contribuições se expressam: no maior reconhecimento da realidade de vida e saúde da população negra e das águas, em especial no conhecimento sobre as experiências de vida das mulheres marisqueiras e suas formas de cuidado que apresentam estreita relação com a natureza; no conhecimento sobre as plantas medicinais e os fitoterápicos, suas formas de uso, cultivo e preparo; no respeito aos saberes da população; na compreensão de que o conhecimento científico faz sentido à medida que se é possível articula-lo ao conhecimento popular; e que a escuta qualificada é essencial para se conhecer e se intervir na realidade, a partir de uma postura dialógica. Ademais, os estudantes ressaltam a importância dessas vivências para suas formações não apenas acadêmica, mas também humana, pessoal e profissional.

Por fim, já se é possível produzir e socializar algum conhecimento a partir desta experiência vivida e assim promover a indissociabilidade entre ensino,

pesquisa e extensão. Tal socialização pode ser observada, por exemplo, na proposição de atividades no Congresso da UFBA e na participação do grupo em rodas de conversa do Ocupa IHAC, por ocasião do aniversário do IHAC.

4. Discussão

A seguir apresentamos algumas das reflexões que emergem da vivência deste projeto e que nos servem de importante aprendizado no âmbito da extensão universitária.

Inicialmente, é importante destacar que a dinâmica adotada no projeto, que se inicia a partir das oficinas construídas com base nas necessidades imediatas de formação das marisqueiras, possibilitou-nos a construção de relações de confiança entre comunidade e universidade, fundamental para a etapa posterior, de visitas às residências e construção de perspectivas de continuidade. Uma relação que se iniciou de forma mais distante foi se estreitando à medida que buscamos um trabalho de extensão com base no diálogo, que levasse em consideração as necessidades da comunidade. Ao término dessa primeira etapa do trabalho, por ocasião do levantamento das perspectivas de continuidade da comunidade, foi gratificante ouvir as marisqueiras nos convidando para retornar mais vezes à comunidade, sejam como extensionistas, sejam como “turistas”. Ainda nessa perspectiva, destaca-se a possibilidade de ampliar o projeto de extensão para outras comunidades de Ilha de Maré, bem como desenvolver um processo sistemático de pesquisa sobre os saberes locais de cura e cuidado.

Inúmeros foram os aprendizados que nos mostraram que as ações de extensão precisam se estruturar no diálogo e respeitar os modos de vida, de trabalho e as dinâmicas do território. Tal diálogo gera o exercício da paciência, de se considerar as imprevisibilidades, pois nem sempre é possível prever quando haverá a mudança da maré, afinal, quando “a maré está boa” a prioridade será sempre a atividade da mariscagem. Nessa mesma perspectiva, não podemos deixar de mencionar os impactos negativos do vazamento de óleo no litoral brasileiro, que, além do risco à saúde das comunidades pesqueiras e dos prejuízos ao meio ambiente e econômico, deslocou grande parte da atenção da comunidade para o enfrentamento dos riscos e danos decorrentes do vazamento. Nessa mesma perspectiva, destacamos a importância das ações envolvendo as crianças em período de férias escolares, de forma a proporcionar uma melhor participação das mães.

Dentre os desafios que emergem desta experiência, além dos já mencionados, destacamos a necessidade de se planejar ações envolvendo crianças e jovens, uma vez que, conforme já assinalado, este é um conhecimento que parece ser menos difundido entre as gerações mais jovens. Algumas propostas levantadas referem-se a planejar ações nas escolas, por exemplo, ou nas férias escolares, uma vez que neste período a participação dos jovens foi maior.

Pelos aspectos já mencionados, destacamos a importância de ações dessa natureza para se promover maior autonomia das comunidades vulneráveis no seu

cuidado à saúde. Por outro lado, esta experiência se destaca por seu potencial de formação dos estudantes universitários a partir do contato com a realidade de vida da população de Ilha de Maré. Vale lembrar que a extensão pode propiciar com que docentes e estudantes percebam os limites da formação universitária e do saber científico e se envolvam na busca por novas formas de produção do conhecimento, novas formas de cuidar em saúde e novas relações pedagógicas dentro da própria universidade (CRUZ, RODRIGUES, PEREIRA et al, 2018).

Assim, a extensão deve ser o ponto de partida da ação universitária e, fundamentalmente, o elemento articulador do ensino e da pesquisa, a partir de uma práxis, na qual teoria e prática formam uma unidade indissolúvel na construção de um conhecimento crítico e de uma ação transformadora sobre a realidade. De forma a promover essa indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, pretende-se: sistematizar esta experiência na forma de relato de experiência; estruturar projetos que possibilitem uma pesquisa sistemática do conhecimento local de plantas medicinais ou mesmo aspectos socioculturais relacionados ao uso das plantas medicinais; e organizar processos de ensino voltados para os estudantes universitários que possibilitem maior conhecimento acerca das plantas medicinais e da fitoterapia, ou mesmo dos princípios da educação em saúde.

5. Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio a Gestão Participativa. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

CABALZAR, Aloisio (org.). **Manual de etnobotânica**: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), 2017.

CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; RODRIGUES, Ana Paula Maia Espíndola; PEREIRA, Elina Alice Alves de Lima; et. al (org.) **Vivências de extensão em educação popular no Brasil**. V. 2: extensão e educação popular na reorientação da formação em saúde. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

FARIA, Andréia Alice da Cunha; FERREIRA NETO, Paulo Sérgio. **Ferramentas de Diálogo**: qualificando o uso das técnicas de DRP - Diagnóstico Rural Participativo. Brasília, MMA; IEB, 2006, p. 23-31.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Escola de Governo Fiocruz Brasília. **Desenvolvimento de Territórios Saudáveis e Sustentáveis em Comunidades Tradicionais, Ilha de Maré, Salvador/BA**. Relatório. 2018.

SILVA, Fatima Cristina Maia et al. **Saúde integral das populações do campo, da floresta e das águas**. Fascículo integrante do Curso Promoção da Equidade no SUS - Fundação Demócrito Rocha | Universidade Aberta do Nordeste l. s/d. Disponível em: <www.fdr.com.br/equidadenosus>. Acesso em:13ago2016.

WEITZMAN. Rodica Construção de uma metodologia de formação em segurança alimentar e nutricional. In: WEITZEMAN, Rpdoca (Coord.) **Educação Popular em Segurança Alimentar e Nutricional**: uma metodologia de formação com enfoque de gênero. Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, Belo Horizonte, 2008, p. 63-4.